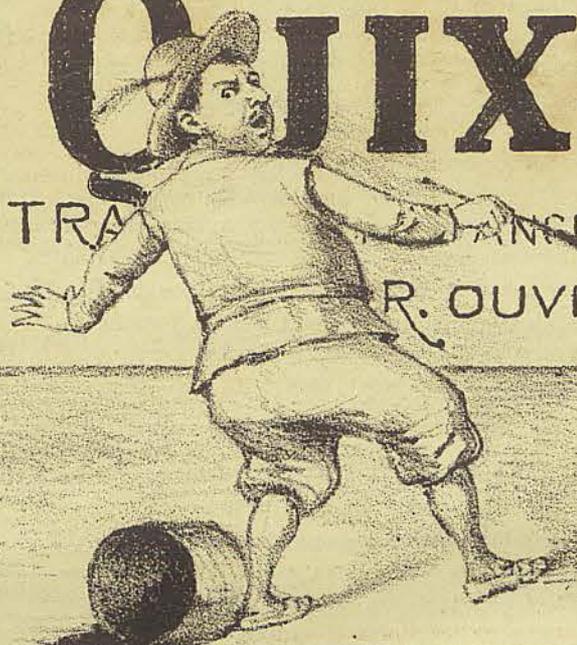


DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO

ANGELO AGOSTINI

R. OUVIDOR 109



!!!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	20\$000	Anno.....	24\$000
Semestre....	12\$000	Semestre...	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 18 de Maio de 1895.

TOPICOS

Hypocrisia e má fé—eis o que vigorosamente caracteriza, como nós esperavamos, depois da mensagem presidencial, a feição politica da maioria da camara dos Srs. deputados, em relação á grave questão do Rio Grande do Sul.

Emquanto uma troveja biliosamente negras calumnias a respeito dos federalistas e dos intuitos da revolução—a outra balbucia em tom ridiculamente plangente «que todos desejam a paz na familia brasileira».

Se nos fôra licito o rir, neste doloroso periodo politico que atravessamos, nós responderíamos á má fé e á hypocrisia da maioria do Sr. Glycerio, com uma gargalhada monumental!

Mas, não!

O momento é de sacrificios, é de exemplos de mansidão e de tolerancia evangelica a quem se mostra tão intolerante e tão bravo.

A maioria glycerina da camara increpou a maioria da imprensa desta capital de estar «divorciada da opinião publica».

Nós, que nos honramos de pertencer a esta maioria que pugna pela pacificação do Rio Grande, em nome da lei, da humanidade, do bem commum da Republica, que não podem ficar á mercê nem de qualquer carrasco, nem de qualquer inepto, poderíamos, retaliando, increpar a maioria da camara de estar radicalmente divorciada da maioria da Nação.

Não o fazemos, porém.

Preferimos, simplesmente, pedir a quem nos lê o favor de reter de memoria o nome do Sr. deputado Medeiros e Albuquerque, que, com o assentimento pleno dos seus collegas da maioria, foi o autor da increpação á maioria da imprensa desta capital.

A maioria do Sr. Glycerio, nervosa e agastada, vocifera que todos pedem a paz do Rio Grande do Sul, mas que ninguem aponta um meio pratico de se realizar essa aspiração.

E, então, tomando attitudes de tragedia barata, pergunta caviliosamente—se se quer a deposição do Sr. Julio de Castilhos e a entrega do poder aos revolucionarios.

A maioria não vê outro meio.

Ou esse—que ninguem admite—ou a submissão do brio e do heroismo á tyrannia, da victima ao carrasco, isto é, dos revolucionarios federalistas á autoridade do regulo do Rio Grande—como impõe o Sr. Glycerio, que nesta questão de dignidade faz o papel conspicuo do bom julgador do proverbio...

Entretanto, a maioria da camara, a não querer representar o papel do peor cego, tem dentro de si mesma quem lhe pôde suggerir o meio legal e digno para todos, de pacificar-se o Rio Grande do Sul.

E' o Sr. deputado Medeiros e Albuquerque.

S. Ex. provou pela imprensa, não há muito tempo, que a constituição do estado do Rio Grande do Sul fere de frente principios essenciaes, estabelecidos na Constituição Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil...

Se o Sr. Dr. Prudente de Moraes, embora representando o partido de que o Sr. Glycerio tem o bastão da chefia, deseja, comludo, prestar serviço real á tranquillidade da Republica; se ainda está no exercicio supremo de primeiro magistrado da Nação, guardã avançada da Lei e seu fiel executor—porque á decisão de tribunal competente não submete S. Ex. este caso da inconstitucionalidade da constituição do Rio Grande do Sul?

Se ha duvidas—como ha—sobre a legitimidade das auctoridades constituídas em virtude de um estatuto illegal perante a Lei Geral da Republica—porque, antes de tudo, não se apura este caso gravissimo?

Como prestar-se o apoio das forças legaes da União ao partido castilhista, que, na phrase de um deputado da maioria, «não tem sabido guardar a primeira das virtudes republicanas— a tolerancia», sem que a Nação tenha pelo menos a certeza de que o chefe de tal partido exerce o lugar de presidente do estado em nome de uma constituição que está em perfeita harmonia com os principios estabelecidos na Constituição Federal, como determinã o artigo 63?

Parece-nos que o Governo Federal tem o dever rigoroso de zelar pela inviolabilidade da Constituição da Republica.

E se ha uma constituição estadual que ataca principios geraes daquella, cumpre ao governo promover meios de reformal-a, começando por annullar os poderes constituídos segundo a lei violadora.

Não se trata de fazer a pacificação do Rio Grande do Sul, por este ou aquelle modo, com ou sem submissão dos revolucionarios, transigindo ou não com os chefes federalistas:—

trata-se de cumprir e fazer respeitar a nossa Constituição, perante a qual todo o cidadão tem o dever de curvar-se.

Não se pede sentimentalismo—pede-se Lei e Justiça para todos.

Uma decepção!...

Com este titulo, a *Gazeta de Mogy-Mirim* de 12 do corrente, em brilhante artigo de fundo orientado por uma elevada comprehensão dos verdadeiros interesses da Republica e da Patria, assim se manifesta em relação á Mensagem presidencial de 4 do corrente:

« Para a grande maioria do paiz, foi uma enorme decepção a mensagem do Sr. Prudente de Moraes, lida perante os representantes do... estado de sitio, no dia 4 do corrente mez!

Para nós, porém, foi apenas a dolorosa realização de uma prophécia, mais de uma vez feita destas columnas!

Dissemos, effectivamente, que nem o Sr. presidente da Republica e nem a *chancellaria* da dictadura fariam coisa alguma, em favor da pacificação do Rio Grande...

E para tal affirmar tinhamos duas excellentes razões: a primeira era que o Sr. Prudente de Moraes assumira o governo do paiz, em consequencia de um conluio entre a *gente* de S. Paulo e o *phantastico* partido republicano federal do Sr. Glycerio, tendo como clausula principal a sustentação do Sr. Castilhos, no Sul!

Pretexto: intuitos restauradores da revolução!

Segunda razão: os designados do estado de sitio levaram esta incumbencia—dizer amen a todos os desembarços da dictadura!...

A mensagem presidencial define uma situação e retrata um individuo!...

Alli está a horripilante *photographia* de um caracter frouxo, ou, quem sabe si, refalsado e a representação exacta do triste estado de desmoranamento das nossas instituições, das finanças e da administração...

O Sr. presidente da Republica, acastellado naquelle *caipirismo*, elevado agora á altura de um principio... politico, procura illudir, contornar as difficuldades, em que se viu, para expôr aos olhos do paiz assombrado, o estado calamitoso a que arrastou a nossa triste patria á desgraçada situação a que S. Ex. tem a infelicidade de presidir!...

Mas, pelas pallidas fulgurações que, de espaço a espaço, illuminam as camadas superiores da atmosphera, percebe-se que ha tempestade abaixo do horizonte!...

Pelos rasgões do esburacado *ponche* do *caipira* enxerga-se a ponta da faca, suspensa sobre a guella do cidadão!...

Será isto possivel? Custa-nos a crer que este retrato do Sr. Prudente de Moraes seja realmente fiel.

Entretanto, somos obrigados a confessar que encontramos na opinião deste nosso estimavel collega uma certa correlação de factos ou de actos do governo, que justificam quasi *in totum* os receios que elle mostra de uma verdadeira debandada politica.

E' tal, porém, o nosso desejo de ver este desventurado paiz tomar melhor rumo, que ainda queremos acreditar que ha alguma exageração n'esse retrato. Consideramol-o como um cliché photographico por demais em foco, apresentando, portanto, exageradas rugas e uma certa dureza que desejamos attenuar, retocando-o o melhor possivel.

13 DE MAIO

O Dr. Barata Ribeiro, quando Prefeito Municipal, duvidando demasiadamente da memoria dos seus compatriotas, fez collocar em uma das paredes do antigo paço imperial da praça chamada hoje «Quinze de Novembro», uma grande lapide, na qual, por debaixo do nome do Marechal Floriano Peixoto em letras graúdas e do seu proprio em letras miúdas, está registrada a gloriosa data do decreto que extinguiu de um só golpe a escravidão no Brazil.

Ora, parece que em vista d'aquelle *despertador de memoria*, a data gloriosa deveria ser sempre festejada, se não com maior, ao menos, com o mesmo entusiasmo que nos annos precedentes.

Pois, señores, a lapide deu um resultado negativo!

O Sr. ex-Prefeito, que deu aquelle decreto como assignado por uma ex-Princeza, pôde limpar as mãos á parede onde fez fixar a lapide pela lembrança que só está a lembrar o Marechal Floriano conjuntamente com a sua illustre pessoa, que, vamos e venhamos, só agora apparecem registradas na gloriosa data.

E' por isso que o povo desta capital, em vez de, como nos annos anteriores, se esquecer de cousas tristes para se entregar á expansão de uma grande alegria, se conservou taciturno, rememorando as tristes cousas que as letras graúdas da lapide lhe recordam.

Quem ignora a acção suggestiva que certos nomes operam no animo de quem os lembra?

Tratando-se do 13 de Maio, se a lapide tivesse gravados os nomes de José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros que os secundaram, cercado o da *então* Princeza Regente, o povo esqueceria tudo para se lembrar somente da ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS.

Mas, com o nome maiúsculo do Marechal Floriano Peixoto, encabeçando a data do decreto com o absurdo de assignado pela *ex-Princeza Regente*, á mente do povo só poderá acudir a lembrança do estado de sitio, dos fusilamentos sem processo, dos cubiculos da Detenção e tudo quanto possa levar-lhe o luto, a saudade e a amargura ao coração.

O melhor é retirar da vista do povo aquella lapide, e recolhê-la ao Museo como um documento da louvavel modestia de quem alli a mandou collocar.

A data de 13 de Maio não precisa de lápides despertadoras de memoria, porque está gravada no coração, não só de todos os brasileiros, como de toda a Humanidade, e passará ás gerações futuras como a tradiçãõ mais santa e mais gloriosa de um povo.

TAGARELLICES

Hão de me dar licença que, na minha qualidade de tagarella, eu metta o meu bedelho na magna questão da pacificação do Rio Grande do Sul, que tem sido ultimamente, e, e ainda continuará a ser por muito tempo o osso politico que de dia para dia, se vae tortando cada vez mais duro de roer.

Por toda a parte, nas palestras, nos ajuntamentos, nas tribunas e na imprensa todos — *una voce* — sem exclusão mesmo dos patrióticos fornecedores e agentes compradores do governo, que têm levado o seu patriotismo até ao extremo de ficarem pobres como Job, clamam que ardentemente desejam a pacificação.

Ora, eu entendo que, quando entre uma associação, uma população ou uma nação se pretende fazer uma cousa, a questão principal é que todos a queiram fazer.

Pois com o caso da pacificação do Rio Grande, o facto de todos a quererem não vale nada.

Parece caçoada; mas não é, e a prova é que a guerra continua lá no Sul, e ha de continuar por que assim o querem muitos dos mesmos que dizem querer sinceramente a pacificação!

O Presidente da Republica; isto é, o partido de que é chefe o General Glicerio, disse na

mensagem presidencial, após uma jeremiada a respeito dos males da guerra civil e de uns votos ardentes pela pacificação, que esta só se podia fazer — dignamente e honradamente — com a submissão dos rebeldes ás instituições e ás autoridades castilhistas.

Por este meio pensa o governo que a pacificação será perduravel, e que o Rio Grande voltará a viver em paz, sem receio algum de que esta seja novamente perturbada.

Neste particular eu acho que o governo tem carradas de razão.

Não ha a menor duvida de que, se os rebeldes depuzerem as armas e se apresentarem submissos ás autoridades do Sr. Castilhos, nunca mais haverá guerra entre pica-paus e maragatos, pois, sendo estes todos degolados, não terão aquelles mais com quem brigar.

Sómente no que poderá haver alguma duvida é na — dignidade e honradez — deste meio de fazer a *pacificação*.

N'esta duvida, porém, só poderão ficar os que desejam a patifaria de uma pacificação feita pacificamente.

Mas estes não valem nada; são uns sebastianistas, uns restauradores que querem despojar a Rrrrrepublica do rufo onomatopaico dos rrrrrr que tão bem a caracteriza e... consolida.

A dignidade, a honra do governo castilhista não está na abnegação patriótica que poupa o sangue de seus irmãos e evita o descredito do paiz; está na total extincção dos federalistas, isto é, de todos os rio-grandenses que não querem reconhecer no Sr. Julio de Castilhos um senhor, um Czar com direito sobre a vida e os bens dos seus subditos.

E isto é que é ser rrrrrepublicano, e tudo o que não fôr isto é sebastianismo, restauratismo e banditismo, que quer pacificação para roubar aos castilhistas a sua autoridade, os seus rendosos empregos, o desinteresse dos seus fornecedores e dos seus agentes federaes no Rio da Prata.

Pois estão se ninando!

Faça-se a pacificação, sim, *como todos ardentemente desejam*, mas... depois de degolados todos os maragatos, com cambio a zero, e o general Glicerio na ponta!

O general Glicerio na ponta, sim!

Depois do marechal Floriano, o general Glicerio!

Então que pensam?

Por ventura ha ahí sebastianistas tão crédulos que se persuadam que a Republica já despio a farda para envergar a casaca?

Pois não!

Depois do militarismo effectivo, o militarismo honorario.

Após a Republica do *pum! pum!* do canhão, era de regra que viesse, por natural transição, a Rrrrepublica do *rufo*... a toque de caixa.

Entre parêntesis: Digo — *a toque*, em vez de — *do toque*, porque... sóa melhor.

Pois, como ia dizendo, não se passa assim do tom maior para o menor sem uma nota de transição, do contrario a desafinação é certa.

E é para que a charanga governamental não desaline que entre o tom maior do chapéo armado e o tom menor da cartola civil, se entromette a nota transitoria do penacho honorario do general Glicerio.

Quem entende de chimica... politica, não desconhece a summa utilidade deste governo glicerino como agente intermediario entre dous governos heterogeneos.

E a prova do que deixo dito evidencia-se do discurso do Sr. Dr. Erico Coelho, que, além de chimico, é um hypnotizador de escacha pecegoiro.

Verão que o resultado desse suggestivo discurso vae ser a pacificação do Rio Grande sem degolação de maragatos nem nada... apenas com uma careta de papão para metter nas encolhas a Republica Oriental.

O Sr. deputado Nilo Peçanha bem pôde ir arranjando o cobre para a estatua que se comprometteu erigir ao pacificador do Rio Grande.

O Sr. Dr. Erico Coelho vae fazer jús a essa estatua, e o baixo commercio portuguez não

hesitará em contribuir com o metal das suas *ferraduras* para a fundição della.

Este Sr. Erico Coelho, com a sua modestomania, inda ha de passar a perna ao Sr. José Carlos, verão.

MESTRE NICOLAU.

CALCULO

Um bom papa-jantares, o typo aprimorado da ostra, parasita, filante audacioso — andava um dia d'estes sisudo e cuidadoso inquieto, distraído, febril, preocupado.

Não tinha já nos labios o riso philaucioso, nem tinha já no rosto o gesto assucarado; até no olhar manhoso, profundo, enviesado, luzia-lhe um problema, extranho e temeroso.

Deixei-me possuir de humano sentimento e perguntei-lhe a causa da dôr e da tristeza, que o pôz n'aquelle estado medonho que me assusta.

E elle, despertando, encara-me um momento, e diz: — buseo lembrar-me com calma e com certeza, quantas vezes, na vida, jantei á minha custa.

NÉMO.

BIBLIOGRAPHIA

MARES E CAMPOS, de Virgilio Varzea. Editores, Cunha & Irmão—Rio de Janeiro.

Um bom livro, o que sob o titulo de — *Mares e Campos* — Virgilio Varzea acaba de publicar. O trabalho litterario do joven escriptor é devéras apreciavel.

Se ainda não é um puro, Virgilio Varzea é um caprichoso nesta bella arte de fazer contos litterarios, que elle procura honrar e dignificar haurindo ensinamentos na lição dos bons mestres.

Possue já um poder descriptivo muito notavel, e as suas *paysagens* demonstram a observação e o sentimento suggestivo de um artista delicado.

Estas mesmas qualidades de observação e sentimento apparecem com bastante relevo na exposição da acção e no caracter individual dos personagens, nos contos de assumpto nacional, mórmente nos de costumes maritimos, pelos quaes mostra Virgilio Varzea decidida e louvavel predilecção.

Uns laivos da escola nephelibata a derramem aqui e ali escusadas exuberancias de phrases e de idéas adjectivadas, empalidecem ásvezes o brilho da idéa principal do periodo, tirando-lhe, não raro, a expressão e a expositaneidade.

Estamos certos, porém, de que o joven escriptor ir-se-há libertando do dominio excêntrico dessa escola litteraria — em busca da suprema qualidade dos bons *conteurs*: a simplicidade natural, expontanea, no sentir a emoção e no dizel-a.

Temos essa esperanza, porque Virgilio Varzea, disposto como parece a dar-nos quadros de costumes nacionaes é assaz intelligente e sensato, para comprehender a necessidade de abandonar os processos complicados e extenuantes da mencionada escola, a bem da poesia adoravel dos seus assumptos predilectos.

Quem considera «inlyto mestre» a Eça de Queiroz e escreve trabalhos como o *Mestre de redes*, *A vela dos naufragos* e outros e outros, não pôde nem deve seguir orientação litteraria que porventura concorra para ficar áquem... de si mesmo.

Virgilio Varzea não é, felizmente, um ortodoxo da Estrada de S. Thiago e o seu livro *Mares e Campos* faz-nos antever um escriptor de pulso e de alma.

Ponto é, que elle não descance sobre os louros da critica, nem se agaste com alguns de seus espinhos, e que o publico o anime, como merece.

J. R.



O Sr presidente antes da mensagem ao congresso



O mesmo depois da mensagem.



Ainda o mesmo recusado a delegação partido pelo chefe Glycerio



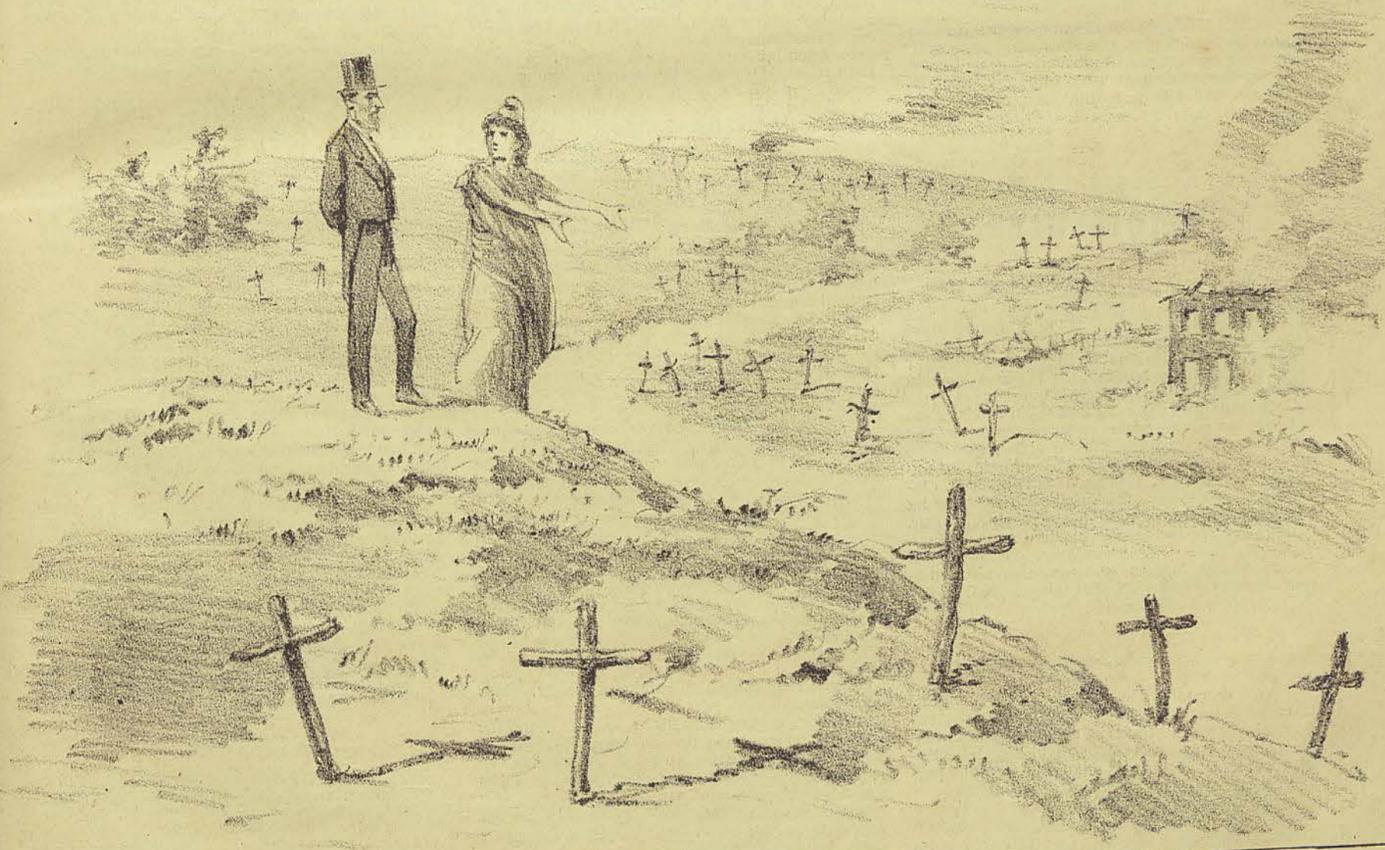
"Entre les deux son cœur balance."

- Pois não deves balançar. Sem a paz não poderei subsistir. Reflecte que és chefe da nação e não de um partido.



O Sr Serzedillo que actualmente representa o verdadeiro patriotismo pugna energicamente pela paz para a salvação da Republica.

O Sr Glycerio, que só trata de salvar os interesses de seus amigos politicos, insiste pela continuação da guerra.



- Preferes esperar que o Rio Grande do Sul se torne um vasto cemiterio para então pacificá-lo?!

Bellas-Artes

JULIÃO MACHADO

Não se nos pôde levar a mal o expressivo silencio que temos guardado sobre cousas de artes bellas, uma vez que elle é a mais eloquente traducção do lamentavel marasmo em que estão os nossos artistas.

Depois da ultima exposição na nossa Escola Nacional, que foi, entretanto, um bom movimento de que era justo esperar-se alguma animação entre os que cultivam as bellas-arts, nada temos visto que nos denuncie a existencia de um grupo de individuos que não vivem precisamente, nem de politica, nem de burocracia, nem de industria, nem de commercio.

Parece até que o pequeno mundo artistico do Rio de Janeiro, fraccionado em dous partidos, occupa-se exclusivamente em fazer córo com os que querem e com os que não querem... a pacificação do Rio-Grande do Sul!

Felizmente, como para alimentar o fogo sagrado da arte, suplantado pelo fogo vermelho da politica,ahi temos um Julião Machado, artista de merito real, que veio revolucionar o jornal illustrado do antigo molde entre nós e nos está deliciando com os seus desenhos correctos, finos e conceituosos, de uma feição artistica, puramente parisiense.

Julião Machado é um portuguez nascido na Africa e que completou em Pariz a sua educação artistica.

Deste conjuncto de circumstancias alliadas ao seu temperamento artistico, resulta que Julião Machado possui tres qualidades bem caracterisadas nos seus trabalhos: imaginação ardente e vivaz, pulso firme e rapido, traço conceituoso e leve.

A sua critica, os seus desenhos e as suas phantasias de composição são disso uma prova cabal, e será lamentavel se o nosso publico não auxiliar com os seus recursos inexgotaveis as tentativas valentes que o distincto artista está a fazer para suavisar as agruras do nosso meio, com os delicadissimos productos da sua arte.

Julião Machado produz trabalhos que podiam ser assignados pelos mestres europeus das revistas criticas illustradas.

Seria para desejar que elle aqui se conservasse por longos e dilatados annos, honrando-nos com as suas bellissimas produções.

XISTO GRAPHITE

CHINOISERIES

A politica: eis o assumpto palpitante da semana; junta-se a grey soberana e o povo está todo junto. Pelos seus representantes (agora sim, temos obra!) vai fabricar leis de sobra p'ra logo, em poucos instantes endireitar as finanças, elevar o cambio a trinta e pôr esta guerra extincta de desforra e vinganças.

Sobre o Sul abrir as azas vai a paz, e no futuro o povo pôde seguro repousar; as nossas casas, propriedades e vidas, direitos e liberdade, vão ser agora em verdade, seriamente garantidas. Contra o estrangeiro, elemento de trabalho, ao qual se atira, não ha prevenção ou ira, ha todo o apoio, eu sustento. Vamos ver recompensado o talento em toda a parte, o ideal sublime d'Arte, como nunca, levantado! Reformas que ninguem viu, tudo grande, tudo novo vai ser; alegra-te, ó Povo! —O parlamento se abriu!!

Lu-No.

Ao ser conhecido no Senado que o Sr. Campos Salles ia apresentar um substitutivo ao projecto do Sr. Ladario, ampliando a amnistia pedida para os civis da revolta de 6 de Setembro, o Sr. Vicente Machado foi um dos primeiros a manifestar-se contra essa idéa.

Segundo lemos na *Gazeta de Noticias*, o Sr. Vicente Machado pensa diversamente de todos. Criminosos são tanto os militares como

os civis, que ainda hoje estão no sul matando e roubando: *é preciso punir a todos.*

O grypho é nosso e a opinião, como dissemos, é do governador do Paraná que, após a retirada das forças revolucionarias, foi tomar conta do cargo, e sob cujo governo foram praticados todos os horrores que a imprensa já começou a narrar, ás claras.

Vemos que o Sr. Vicente é tambem dos *bons julgadores*, quando diz que os revolucionarios militares e civis continuam no sul a matar e a roubar.

Sempre a tal historia do gato ruivo...

Quanto á punição... ah! se ella viesse para todos, como S. Ex. quer... aonde iriam parar umas cadeiras senatoriaes e uns senadores, que nós conhecemos?!

FERROADAS

Se me dão licença, dependuro aqui as minhas luminarias ao glorioso 13 DE MAIO, já que a respeito de regosijo popular commemorativo, entramos positivamente n'uma retirada calamitosa.

A hem dizer, o povo tem seus motivos para não andar por ahi a exhibir alegrias que não pôde ter, que uma politica baixa de espada e vergalho, lhe tirou.

Sinceramente, o povo não pôde comemorar com alegrias a data da libertação dos escravos, quando elle sente a necessidade de um novo 13 DE MAIO que o liberte das torturas a que se vê escravizado.

O povo não é hypocrita — justiça se lhe faça.

Assim, cabe á imprensa o impedir que a tristeza popular chegue a ponto de fazer esquecer datas como essa — e é por isso que eu pedi licença para illuminar a entrada desta modestissima secção.

Podia, como fizeram os meus nobres collegas, citar nomes de grandes batalhadores da abolição; não o faço, todavia, para não cahir em omissões como a que fizeram do nosso Angelo Agostini que, franqueza, franqueza, batalhou tanto, tão bem e tão desinteressadamente como os que mais assim batalharam.

Tenho ainda outro motivo para não discriminar individualidades: é que teria o desgosto de escrever nomes de homens que hoje se regosijam com horrores ainda maiores do que os que elles outr'ora verberavam...

E... ponto final nas luminarias.

Os senhores sabem muito bem quem é o Sr. deputado Dr. Erico Coelho, aquelle mesmo que na sessão passada apresentou um projecto radical sobre o divorcio...

Pois, o illustre soldado do Sr. Glicerio é... é... é o meu homem!

Abomino o deputado-mumia, o deputado-figura de prôa de navio, que, para improvisar um — apoiado! — ensaia-se tres dias antes.

Gosto do deputado vivaz, electrico, escandaloso: gosto do Dr. Erico...

S. Ex. não pôde passar vinte annos, vinte dias, vinte minutos, como fazem os androgynos do parlamento, sem dar á lingua.

E com que sainete picante e original, S. Ex. o faz!...

E' um regalo!

Aquella idéa do cambio a zero e da guerra á republica oriental, para fazer a paz do Rio Grande, é... é... é escandalosamente hilariante!

Repito: o Sr. Dr. Erico é o meu homem e é unico.

Quem me pertence, tambem, é o Sr. Pinto da Rocha.

S. Ex. engrossa as fileiras dos aguerridos glyceriados e representa tão bem o brioso Rio Grande do Sul, como eu posso representar as riquissimas especies dos insectos, pobre mosquito que apenas sou!

Sua missão é tambem — oppor-se á pacificação da sua terra (do Rio Grande) e canonisar o Sr. Julio de Castilhos.

E vae o Sr. Pinto e desempenha assombrosamente o seu compromisso, com uma dureza de coração de causar arrepios: depois da canonicção de S. Julio de Vaux, referio-se aos federalistas, como se o fizesse aos galés da Costa d'Africa.

Sabidas as coisas, informaram-me que este duro Sr. Pinto da Rocha é tão filho do Brazil como o Sr. Felinto e o Sr. Sa'amonde...

Perdoei o homemzinho e, para que não haja duvidas, declaro que este *pinta-roxo* é um melro de bico amarello, e muito meu!

E a proposito: a que vem e de que serve a enumeração de crueldades praticadas segundo uns pelos federalistas e segundo outros pelos castilhistas? O que é que isso prova? Não será que a continuação da guerra civil é um crime monstruoso, de cuja cumplicidade são réos os que se oppõem á pacificação?

Pelo amor de Deus! senhores da maioria da Camara!

Poupem ao paiz a vergonhosa exhibição desse inventario de sangue, uma vez que não querem que elle seja extincto...

Além de que, se vamos a dar balanço de actos de selvageria praticados por forças legais e forças revolucionarias, não padece duvida que o *activo* da legalidade sobrepujará milhares de vezes o da revolução...

Seria melhor que a maioria *ad glycerium* concorresse patrioticamente para se pôr um paradeiro ao gasto da fortuna publica em despesas de guerra.

Segundo o Sr. deputado Serzedello, que fez um requerimento pedindo informações exactas ao governo, a despeza de guerra, até hoje, tem absorvido ao Thesouro a fabulosa somma de *seiscentos mil contos de réis!!!*

Mil páos por um olho...

Esta cousa das despesas com a revolução parece já um conto a que cada qual accrescenta um ponto, á proporção que o vae contando...

O Sr. Serzedello que foi, porém, ministro da fazenda e entende de finanças, calculou naquella enorme quantia o dinheirinho gasto nesta enorme patuseada a que chamam consolidação da Republica, pela razão de ser exactamente o contrario.

Esperemos, portanto, a palavra do governo, informando o requerimento do illustre deputado.

Façamos votos por que essa resposta não tenha o laconismo terrivel da do Sr. Moreira Cesar, nem a perfidia *espiritual* da do Sr. Quadros...

Sim! não venha agora o governo dizer, como o primeiro, que não — que não se gastou dinheiro algum... Nem, á semelhança do segundo, afirmar que, dos tres do Thesouro, só um vintem foi gasto, e esse mesmo com todas as regras...

Quem devia pedir uns dez réis de *esmola* ao Thesouro é o Sr. Elisiario Barbosa, afim de mandar collocar umas camas de ferro no hospital de marinha, de modo a não ser preciso fazer baixar á Santa Casa os pobres marinheiros que adoecem a bordo.

Não se pede que S. Ex. reorganise a marinha escangalhada, desarmada, sem pessoal — esse resto de marinha que apodrece — esse arremedo tristemente comico do que podia e devia ser a nossa marinha, a marinha brasileira.

Pede-se apenas que S. Ex. faça com que uma repartição da marinha possa prestar os serviços para que foi creada.

O pedido é justo.

Não se pôde negar a uma corporação tão *doente* a esmola de um hospital...

PERNILONGO.

Lettras e Arte

A CIGARRA

N. 2. Mais um primor de desenho e de fino espirito dessa robusta individualidade artistica que se chama — Julião Machado — um grande observador e um profundo physiologista.

A grande pagina central — DD. Juans de especies varias — e a ultima — Romance historico-psycho-physiologico-na-

turalista em seis capítulos—referente a um processo de divórcio, que ali anda a promover o desaforo do foro, são de uma observação e de um espirito admiráveis!

A pagina—13 DE MAIO—é uma concepção sublime. O texto... Ora, o texto é do Bilac, e do Coelho Netto, e não preciso dizer mais nada para significar-lhe a excellencia.

V. VIEIRA.

MEGENAS

Recebemos o n. 6 d'este jornal litterario de Porto Alegre. Um bom numero collaborado por Alarico Ribeiro, Felix Cunha, J. Silva, A. de Oliveira e outros.

Dos artigos destacaremos os seguintes: Instrução Publica de A. Neves Netto, os Regicidas de A. N.; Auctores Nacionaes, de Felix da Cunha, e um conto «Volta ao lar» de A. Oliveira.

Na parte poetica salienta-se: Invocação à noite de A. Ribeiro e «Moter Dolorosa» de Silvinius.

No noticiario refere-se ao fallecimento de Luiz Rosa, transcrevendo um soneto deste malgrado poeta.

O GENACULO

Revista litteraria, do Paraná—1.º fasciculo, com um retrato de Cyro Velloso, cujos serviços á Patria e apontamentos biographicos se acham em um artigo de Julio Pernetta. E' collaborada por D. Velloso, Silveira Neto, A. Braga e outros. Agradou-nos muito—A Psychologia da Mulher, de Justiniano de Mello e o soneto Germinal de Emilio de Menezes.

Avante!

CLUB SYMPHONICO

Esta futura associação offereceu no domingo passado uma excellente *matinée* aos socios e convidados.

Constou o programma de uma sessão de prestidigitação pelo amador Capitão Estanislau Pamplona, que ainda uma vez confirmou as suas bellas qualidades de proficiente amador.

Seguiu-se um assalto d'armas no qual tomaram parte os distinctos professores Luiz Furtado e Fabricio e os habillissimos amadores L. de Castro, V. de Castro, A. Duval, L. Girardin e Aristides de Castro que portaram-se com a maestria e correção que os recommendam.

Ao findar a festa foram offerecidos aos Srs. Pamplona e Fabricio, ricos mimos pelo Dr. Chapot Prevost, em signal de gratidão do Club.

L. N.

THEATROS

A despeito de ter sido um tanto chuvosa a semana, e de nenhuma outra novidade se ter dado além da Revista *O Major*, de que tratei na precedente edição, nem por isso os theatros têm sido menos frequentadss.

No Recreio, o *Tim tim por tim tim*, continúa a ser a peça de grande successo, atraindo a multidão habitual dos seus frequentadores, para grande parte dos quaes o galanteio do terrasso—o Bois barato das Margaridas vulgares—é o principal atractivo da sua frequencia quotidiana.

Isto, porém, não impede que plateia, camarotes e galerias estejam todas as noites repletas de espectadores insaciaveis d'aquellas scenas estapafurdias, com aquelle Peixoto e aquelle Machado sempre na frente a dizerem sempre as mesmas grçolas e a tregeitarem sempre os mesmos gestos.

E se não fôra a graça realmente admiravel que a Pepa imprime aos seus dezoito papeis, era caso para que mnita gente, como eu, se espantasse da infatigabilidade daquella expectação diaria por noites innumerables!

Imagine-se um realejo que nos vem todos os dias á mesma hora tocar á porta sempre a mesma valsa ou a mesma polka.

Que supplicio!

Pois ha gente que se não enfada com isso, e até gosta!

Os espectadores do *Tim tim por tim tim* são como estes.

No Apollo continúa em scena *O Major*, a bella Revista de Arthur Azevedo.

O publico continúa tambem a encher o theatro e a applaudil-a.

Ainda bem.

E' um bom symptoma esse da comprehensão que vae tendo de que o melhor não é o mais vistoso e o mais amaxixado.

A boa critica, a boa pilheria, que provoca o riso sem offender a decencia e sem injuriar a ninguém, para as pessoas que se estimam, devem ser mais delectaveis do que a laracha grosseira e o tregeito pornographico.

Andar assim que é bom andar.

No Sant'Anna, o Heller está sendo uma especie de Pobre Jacques theatral.

O *Alli-Babá*, depois da *Loteria do Diabo* e quejandas velharias têm sido desenterradas do porão para resurgirem á luz da ribalta.

E' como um dia de Juizo!

Pobre Heller!

O seu ultimo socio encaiporou-o.

No Lucinda, a Liga da senora Leonor Rivery ou da signora Miola, que o Brandão andou exhibindo por S. Paulo, por Pindamonhangaba e Guaratinguetá, em saia uma revista que certamente porá os pontos nos ii no conceito litterario de um bacharel livre, *pas plus haut qui ça*.

Vedremo, e duopo parleremo.

No Variedades, tendo esfriado *Os Amores de Psyche*, sobreveio *A Martyr*.

Fui vel-a na quinta-feira, e reparando no theatro cheio disse para um collega que alli encontrei:

— Mas esta Ismenia perdeu o bom senso, realmente!

— Porque? me interrogou elle.

— Porque, tendo publico assim para o drama, em que ella sobresahe como artista, que é, anda a estragar-se e a estragar a sua arte como empregaría de theatro maxixe!

E de facto; não tem justificação sensata o abandono, por não dizer desprezo, em que uma artista do quilate da Sra. Ismenia deixou a arte que tanto brilho lhe deu, para se dar á exploração de uma industria theatral, que tanto tem pervertido o gosto do publico, contribuindo ella propria, assim, para a decadencia deploravel a que a sua arte chegou!

Assisti, como disse, á representação do drama *A Martyr*, peça de caracteres accentuadamente dramaticos e cheia de lances commoventes, bem que subordinados a umas tantas regras de convenção, que bastante destoam da escola naturalista tão bem leccionada por Sardou.

O grupo de actores de que a companhia da Sra. Ismenia dispõe para o drama, não é tão mediocre como pretendem certos criticos pretenciosos, que levam a torcer o nariz a toda a ideia de regeneração de theatro nacional pela deficiencia de elementos.

Além da Sra. Ismenia e Eugenio de Magalhães, que são dous artistas de primeira ordem, não conheço (por pouco frequentar o Variedades) os nomes dos outros actores que tomaram parte na *Martyr*, para lhes declinar os nomes.

Ha entre elles alguns muito aproveitaveis, que, applicados convenientemente ao genero, poderão em pouco tempo manifestar-se artistas excellentes.

O publico, que enchia a sala, applaudiu-os francamente e mostrou por esses applausos e pela attenção com que acompanhou a execução do drama, que não é tão infenso ao theatro dramatico como o inculcam a inepcia de certos empzezarios e a incapacidade artistica de certos actores,

Enverede a Sra. Ismenia por este caminho, limitando, como medida economica, o seu elenco ao pessoal necessario para o genero e prestará com isso um bom serviço á sua arte, aos seus collegas e ao publico, que, certamente lh'o retribuirá com uma frequencia ao seu theatro garantidora de maior vantagem financeira.

No S. Pedro de Alcantara, a companhia lyrica de Carlo Mattia continua a deliciar os *dilettanti* com *il Trovatore* e a *Aida*, reunindo sempre na sua sala uma sociedade escolhida, que, rasoavel no seu julgamento, não lhe recusa os applausos de que se torna digna a boa vontade dos seus artistas.

Está, felizmente, sancionado pelo Prefeito, o decreto do Conselho da Intendencia que institue o Theatro Municipal.

Agora, mãos á obra com intelligencia, honestidade e dedicação, Srs. escolhidos da Prefeitura, que, prasa a Deus, possam a necessaria competencia para objecto de tão manifesta utilidade social.

Ao illustre intendente Dr. Julio do Carmo, o promotor d'esse decreto, um entusiastico aperto de mão envia

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA MESA

A Estação—N. 9, de 15 do corrente—Um esplendido mimo para os seus assignantes. Bello figurino colorido, grande folha de moldes, jornal descriptivo e illustrado com grande variedade de modas quer de vestidos quer de chapéus, e um supplemento litterario excellente com optimas gravuras.

Tanto e tão bom como isto só o Lombaerts é capaz de dar.

Toque, seu Henrique.

Revista pharmaceutica—N. 1. Uma utilissima publicação em folhetos de 36 paginas que começa a publicar-se em S. Paulo, e é organ da Sociedade Pharmaceutica Paulista, sob a direcção dos pharmaceuticos Ignacio Puiggari e Rodrigues de Andrade.

O presente numero contém: Artigo editorial—Dr. M. Costa. Algumas considerações sobre o classe pharmaceutica.—Ph. C. B. de Hollanda. Analyses de urina.—I. P. Chimica.—Ph. Luiz de Queiroz. Breves considerações sobre a arocira.—Ph. Ignacio Puiggari. Practica pharmaceutica.—De mez em mez.—Necrologia.—Bibliographia.—Chronica.—Annuncios.

Catalogo Illustrado—De todos os sellos, bilhetes postaes, sobre-cartas, cintas e cartas bilhetes do Brasil, desde 1834 até 1894, publicado pela CASA PHILATELICA de Alphonse Bruck, e PREÇOS CORRENTES de Alphonse Bruck (sucessor de O. Wagner & C.).

Estes folhetos nos foram offerecidos na inauguração da CASA PHILATELICA—exclusivamente dedicada ao commercio de sellos postaes, Travessa de S. Francisco de Paula, e na qual os amadores e colleccionadores poderão encontrar tudo quando ha de mais curioso e mais raro no genero.

Revista da Comissão Technica Militar Consultiva—Ns. 9 e 10 do anno IV. Contém: *Regulamento da Comissão Technica Militar Consultiva*, por F. C. da Luz; *Technologia Militar nos Estados Unidos*, por Borges Fortes; *Comissão Technica M. C.*; Minas submarinas; Cartuchos de festim; *Boletim Technico*; Caixa-vehiculo de munições, por T. H.; *Correio militar estrangeiro*; *Chronica*; *Publicações recebidas*.

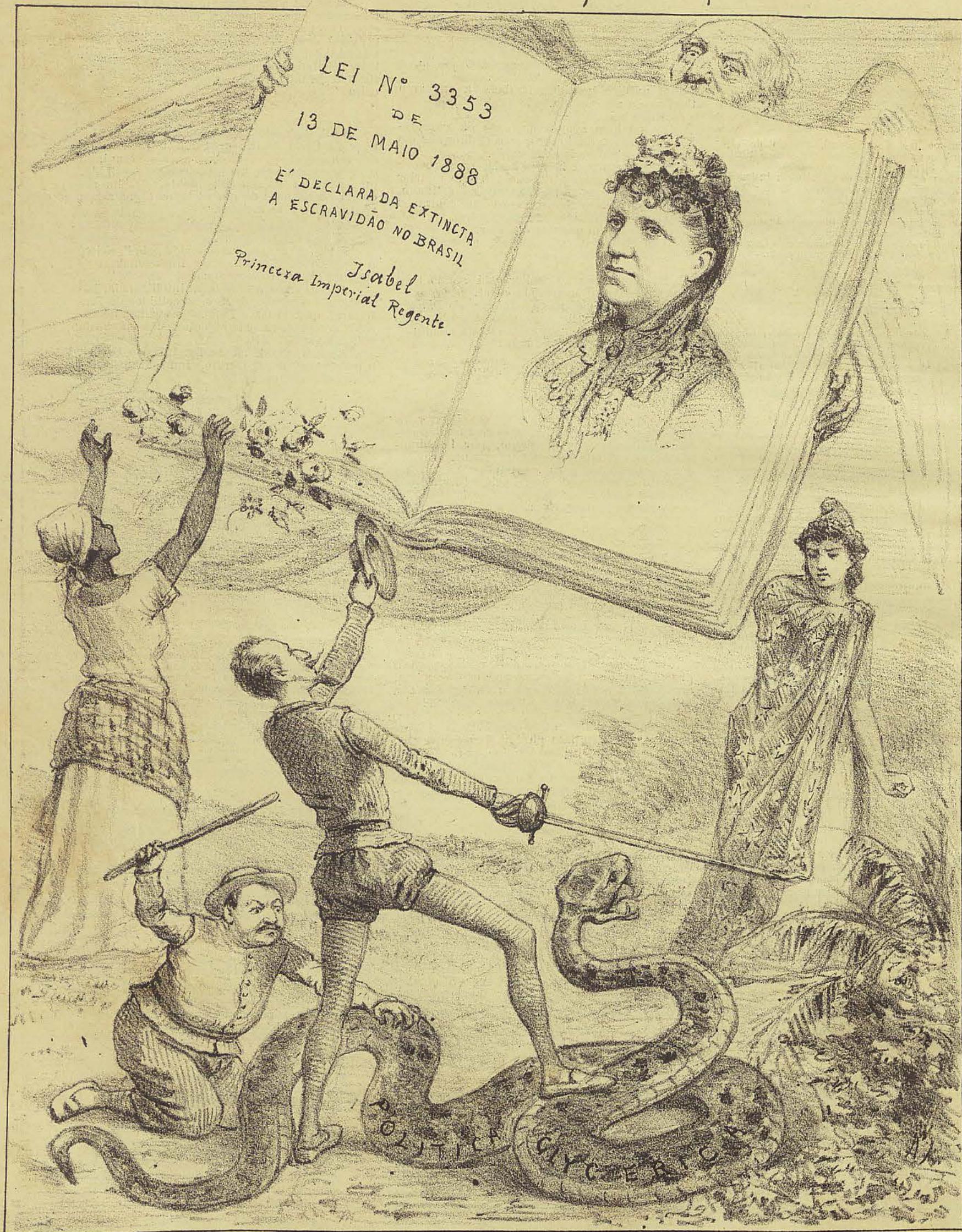
Petit-Sport—N. 1. Semanario sportivo e theatral de que são proprietarios Brito Sá & C. Muíto variado e noticioso do seu objecto.

Chinita-Guru—Motivo cubano—Habanera por N. Figuera Hijo, editada pela casa Vieira Machado & C.

A todos agradecemos.

D. MESARIO.

O Tempo passa, mas as datas gloriosas ficam.



- Salve! Augusta e benemerita Princesa! Libertaste uma raça; hoje trata-se de libertar a Patria ameaçada por um terrivel monstro que pretende devorá-la.